



EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS E INTERAÇÕES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jéssica de Nazaré Soares Gomes¹
Eliene Baltazar Costa²
Paulo Vitor Moreira Maués³
Marcelo Wilson Ferreira Pacheco⁴

RESUMO

O presente artigo tem como base um projeto de intervenção elaborado na linguagem das artes visuais na Educação Infantil. Nesse sentido, apresenta os resultados dessa incursão pedagógica, tendo como foco a utilização de texturas visuais e táteis como instrumentos de ensino, aprendizagem e, especialmente no caso desta proposta, de socialização. Tendo como objetivo precípua: compreender de que forma o trabalho artístico, por meio do estudo de texturas, pode contribuir para o processo de socialização da criança na Educação Infantil, o referido projeto foi implementado na turma de Maternal I em uma unidade da rede municipal de ensino na cidade de Belém – PA. Metodologicamente, a proposta foi organizada em quatro momentos: a) observação da rotina da turma; b) elaboração do projeto de intervenção; c) implementação das ações planejadas; e d) avaliação e síntese dos resultados do projeto. Durante as ações, pôde-se perceber a curiosidade das crianças envolvidas, o engajamento e entusiasmo durante a manipulação dos materiais, os relatos sobre as diversas sensações experimentadas por meio do contato com as texturas e, sobretudo, a cooperação e a demonstração de cuidado com o outro sendo fortalecidas. Tais ações empreendidas, corroboraram para a compreensão sobre a importância da arte na prática educativa, especialmente na Educação Infantil, uma vez que a imersão da criança nessa linguagem artística, além de contribuir para a formação de sua identidade, proporciona aos pequenos diversas significações, vivências, interações sociais e diferentes leituras do mundo em que vivem.

Palavras-chave: educação infantil, artes visuais, socialização.

INTRODUÇÃO

O ser humano, enquanto ser social, experimenta desde os seus primeiros momentos de vida situações de interação e trocas no meio em que está inserido, representado nesses primeiros momentos pelo seu núcleo familiar. Por meio dessas experiências sociais, a criança interage, explora e vivencia o mundo a sua volta.

A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação da criança dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação

¹ Graduanda de Pedagogia na Universidade Federal do Pará - UFPA, jessicagomes2008.es@gmail.com;

² Graduanda de Pedagogia na Universidade Federal do Pará - UFPA, elienec213@gmail.com;

³ Graduando de Pedagogia na Universidade Federal do Pará - UFPA, paulovictormaués@gmail.com;

⁴ Orientador: Mestre em Ensino, Universidade Federal do Pará - UFPA, celopacheco@hotmail.com.



de socialização estruturada. (BRASIL, 2017), visto que, em seus primeiros anos de vida, a maior relação e o contato afetivo se fazem por meio da família.

O art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação pontua que a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996). Nessa direção, é importante que as ações desenvolvidas com as crianças explorem os diversos modos de ser, sentir e pensar.

O presente artigo propõe-se a apresentar os resultados e análises acerca da implementação de um projeto de intervenção pedagógica, intitulado: As Artes como Estimulantes da Imaginação e Sentidos na Infância, elaborado na disciplina de Estágio Curricular em Educação Infantil, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará.

Sendo desenvolvido na perspectiva da linguagem das Artes Visuais, dentre os objetivos do projeto, elencamos a busca pela compreensão de que forma o trabalho artístico, por meio do estudo de texturas, pode contribuir para o processo de socialização da criança na Educação Infantil, como o foco principal deste estudo, considerando, também as suas especificidades, como: a) produzir atividades, materiais e preparar espaços, nos quais as crianças possam ter vivências sensoriais por meio da arte; b) entender como as atividades coletivas, propostas no projeto, propiciam movimento e interação entre as crianças, e ainda, c) analisar as formas de expressão, comunicação, experimentação e socialização das crianças.

Por meio das vivências propostas no projeto em questão, foi possível observar algumas carências no interior da unidade escolar atendida pelo projeto, mais especificamente na turma a qual destinou-se. Dentre as principais deficiências estruturais observadas, destacam-se: espaços com infraestrutura inadequada, a falta de materiais didáticos, jogos educativos e outros recursos que poderiam auxiliar no desenvolvimento das práticas educativas.

A opção pelo trabalho com texturas visuais e táteis para este trabalho, se baseia no exercício de observação inicial do contexto no qual o projeto se insere, e na identificação da necessidade de se estimular nas crianças atendidas as noções de movimento, sentidos, percepções, representações e interação social, buscando responder à questão: Que contribuições a experimentação artística, por meio de trabalho com texturas, pode trazer para o processo de socialização da criança na Educação Infantil?

A escolha por trabalhar a Arte se deve a sua transversalidade com outras Linguagens, bem como, ao fato de esta se apresentar como uma forma natural do pensamento infantil, como



Modo de expressão próprio da criança, o desenho constitui uma língua que possui seu vocabulário e sua sintaxe[...] a criança utiliza um verdadeiro repertório de signos gráficos- sol, boneco, casa, navio- signos emblemáticos cujo número aparece idêntico através de todas as produções infantis, a despeito das variações próprias de cada idade (MÉREDIEU, 2006, p.14).

Deste modo, incentivar a utilização desta forma de expressão mais sensorial nas crianças figurou como um dos nortes da ação descrita no presente estudo, uma vez que elas representam o mundo e seus pensamentos de maneiras variadas, que vão além da linguagem oral, a qual já se encontra mais desenvolvida na faixa etária da educação infantil e se configura em fator importante no seu desenvolvimento, pois, segundo Vygotsky,

A criança começa a perceber o mundo não somente através dos olhos, mas também através da fala. Como resultado, o imediatismo da percepção *natural* é suplantado por um processo complexo de mediação; a fala como tal torna-se parte essencial do desenvolvimento cognitivo da criança (VYGOSTKY, 1991, p.25, *grifo do autor*).

Assim, a linguagem oral das crianças pode ser beneficiada por atividades interativas que estimulem a percepção do meio e a reconhecer novas formas representativas, que as desafie pedagogicamente e trabalhe a linguagem de uma maneira global, passando do olhar à fala e pelos rabiscos, manchas de tinta, texturas, dando significados aos espaços, materiais e formas que estão em seu entorno.

REFERENCIAL TEÓRICO

Interações Sociais e Cognição na Educação Infantil

A ideia de uma ação egocêntrica permeia uma boa parte dos fazeres e pensares da Educação Infantil, talvez pelo fato de a criança experimentar na escola seus primeiros desafios sistematizados de socialização e vivenciarem, com isso, o rompimento do sentimento de exclusividade e de ser o foco das atenções em casa, com seus pais. Na escola, a criança passa a exercitar-se em colaboração com o outro, passa a experimentar uma nova perspectiva de relações sociais, voltada, de acordo com Fonzar (1986), para o trabalho em equipe, com direcionamentos para a reflexão e crítica, sendo estes, fatores importantes na socialização da criança de redescoberta da realidade, do conhecimento e outros.

Assim, na realização das atividades descritas neste artigo, buscou-se chamar a atenção das crianças para a perspectiva do outro, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, de respeito e confiança e por meio do trabalho em grupo aprender a compartilhar



momentos, objetos e brinquedos, reconhecer que cada um deve ter a sua vez e o respeito pelos sentimentos e espaços que é de todos.

Portanto, na perspectiva da Linguagem das Artes, buscou-se desenvolver atividades que permitissem que as crianças interagissem em coletividade, aprendendo a dividir objetos ou mesmo ceder sua vez nas tarefas. Nesse sentido, foram propostas situações nas quais as crianças precisavam construir algum produto juntas, de modo que elas pudessem aprimorar suas habilidades sociais por meio da convivência com diversos níveis de habilidades e experiências. Suely Mello destaca essa característica por meio do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, de Vygotsky, afirmando que:

[...] ao realizar com a ajuda de um parceiro mais experiente, uma tarefa que extrapola suas possibilidades de realização independente, a criança se prepara para, num futuro próximo realizá-la de forma independente. Desse ponto de vista o bom ensino deve sempre se adiantar ao que a criança já sabe, e, assim promover novas aprendizagens e desenvolvimento. Em outras palavras, o bom ensino é sempre colaborativo, ou seja, envolve o fazer independente da criança mediado pelo educador e pela educadora – ou mesmo por crianças mais experientes –, que provêm níveis de ajuda necessários (MELLO, 2007, p. 98).

Desta forma, as trocas sociais, por meio de atividades desafiadoras e do contato com novos elementos, contribuíram com o desenvolvimento global das crianças, aprimorando sua cognição socialização, uma vez que:

A exploração e o tateio dos diferentes objetos a que tem acesso e as descobertas que realizam nesse tateio movem seu desenvolvimento até próximo dos 3 anos de idade, pois, por meio dessa experimentação, a criança observa, se concentra, cria modelos de ação que também servem ao seu pensamento, interage com as outras crianças que também estão a sua volta, tenta resolver as dúvidas que a manipulação dos objetos gera e, com isso, envia importantes estímulos ao seu cérebro (MELLO, 2007, p. 97).

Sendo assim, a característica exploratória destes anos iniciais vai ao encontro de atividades estimulantes, livres e coletivas, manuseios e descobertas que não direcionem as crianças para uma resposta pronta e esperada, o que está de acordo com a linguagem das artes e que se materializa por meio das interações sociais que se estabelecem na infância.

A Arte na Educação Infantil

A arte pode se constituir como um processo contínuo, que envolve pesquisa e coragem de ir onde não se conhece (OSTETTO, 2010). As formas visuais e expressões artísticas são processos histórico-culturais presentes desde os primórdios da humanidade, e continuam presentes nos dias atuais.



Estas proporcionam a liberdade de diversas expressões, representações, comunicações e interações, sejam elas por meio da pintura, do movimento, da brincadeira ou tantas outras formas de se expressar e dar sentido aos elementos do cotidiano, da natureza, da vida e do mundo. Para tanto, nos cabe refletir sobre a importância da exploração de espaços, superfícies e texturas nesta fase da educação infantil, pois:

[...] o espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, na medida em que ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais. Inicialmente as crianças tem suas percepções centradas no corpo; concomitante como seu desenvolvimento corporal, sua percepção começa a descentrar-se e estabelecer as fronteiras do eu e do não eu. Consequentemente, os espaços educativos não podem ser todos iguais, o mundo é cheio de contrastes e de tensões, sendo importante as crianças aprenderem a lidar com isso (BARBOSA; HORN, 2001, p.73).

Deste modo, na faixa etária de dois anos, este momento se constitui em descobertas e na exploração dos recursos, materiais e movimentos, por isso, não há a necessidade de atribuir significados já prontos para as atividades desenvolvidas com as crianças, e sim estimular o processo de manipulação dos objetos, dos materiais, dos instrumentos, dos espaços e dos movimentos para que a criança desenvolva suas próprias significações. Pois nesse momento, o sentido ou não-sentido apresentam um interesse mínimo para a criança, tão absorvida que ela está no manejo de materiais e de formas (MÈREDIEU, 2006).

Nesse sentido, Ostetto (2010) pontua que a presença da arte na educação infantil será mais importante no momento em que puder contribuir para ampliar o olhar da criança sobre o mundo, a natureza e a cultura, diversificando e enriquecendo suas experiências sensíveis – estéticas, e por isso, vitais.

Construir uma perspectiva diferenciada sobre os materiais para o fazer artístico, bem como estimular a criatividade das crianças é um dos objetivos do trabalho com artes que visa o desenvolvimento das crianças. O processo consiste ainda em deixar as crianças livres durante o manuseio e colagem dos materiais, podendo formar imagens da forma como bem lhes agrada.

Além disso, incentivar as interações e o desenvolvimento social por meio da arte requer que esse trabalho artístico se dê coletivamente, com todas as crianças de um grupo trabalhando conjuntamente, com auxílio de um adulto, se necessário.

Refletindo sobre algumas atividades realizadas na Educação Infantil que deveriam ser artísticas, mas se esvaziam de seu sentido estético sensorial e criativo por induzir as crianças a um conteúdo pronto, como um desenho feito apenas para que elas cubram ou



pintem, podemos concluir que muitos educadores ainda não estão suficientemente preparados para desenvolver atividades verdadeiramente artísticas com as crianças, conforme aponta a autora Ana Mae Barbosa, ainda em 1989, sobre a educação artística no Brasil:

Nas artes visuais ainda domina na sala de aula o ensino de desenho geo-métrico, o laissez-faire, temas banais, as folhas para colorir, a variação de técnicas e o desenho de observação, os mesmos métodos, procedimentos e princípios ideológicos encontrados numa pesquisa feita em programas de ensino de artes de 1971 e 1973. Evoluções não têm lugar em salas de aula nas escolas públicas. [...]Apreciação artística e história da arte não têm lugar na escola. As únicas imagens na sala de aula são as imagens ruins dos livros didáticos, as imagens das folhas de colorir, e no melhor dos casos, as imagens produzidas pelas próprias crianças (BARBOSA, 1989, p.172).

Sendo assim, como educadores que se propõem a trabalhar na linguagem das artes, deveríamos pensá-las para as crianças como princípio para a formação da sua identidade e a construção do seu significado de mundo, uma vez que,

ao considerarmos a faixa etária de crianças que frequentam instituições de Educação Infantil (0-6 anos), contribuir para formação da sensibilidade significa incentivar e criar oportunidades para que elas se expressem com vivacidade e possam desenvolver, ampliar e enriquecer suas experiências sensíveis, aumentando as redes de entendimento e de significação do mundo (DIAS, 2007, p.177).

Portanto, experiências pré-moldadas podem tornar-se aborrecidas para as crianças devido ao não enriquecimento de suas experiências, logo, compreendemos que a prática pedagógica deve ter sensibilidade para ter significado, deve-se planejar os espaços e a forma de realizar cada atividade para que estas contribuam verdadeiramente com o processo de desenvolvimento das crianças.

O trabalho com texturas na Educação Infantil

Nas artes visuais, linhas, cores, formas e texturas são, por assim dizer, o alfabeto que vamos apropriando ao longo da vida para poder nos comunicar, nos expressar artisticamente (KOLB-BERNARDES; OSTETTO, 2016). Nessa perspectiva, percebemos que o uso de texturas se constitui em um fator interessante para o processo de desenvolvimento infantil, uma vez que oportuniza o uso dos sentidos e descobertas nas crianças, estimulando o desenvolvimento de suas próprias significações sobre as experiências vivenciadas.

A importância dessas experimentações se torna fundamental no desenvolvimento da criança, ao agir sobre os objetos, tocar, mexer em diferentes materialidades e senti-las, a criança



está marcando a si própria, conhecendo seu corpo e seus movimentos, reconhecendo seus limites e suas possibilidades (KOLB-BERNARDES; OSTETTO, 2016).

Assim, a linguagem das artes visuais configura-se como importante ferramenta para o desenvolvimento da criança, ressaltando aspectos como: trabalho colaborativo, imaginação e brincadeira; uma vez que se trata de uma linguagem natural para os pequenos, que podem se expressar mais por movimentos, gestos, garatujas e sons do que pela linguagem oral, mesmo que já tenham atingido essa fase. Nesse ponto, faz sentido compreender que, como afirma Gomes (2001, p. 109), “O trabalho artístico é importante para que as crianças aprendam a explorar o mundo à sua volta. Existem inúmeros materiais que utilizamos como recursos de expressão, que nos auxiliam a criar coisas e a colocar um pouco daquilo que somos no mundo”.

Seguindo deste paradigma, torna-se interessante, portanto, explorar materiais com texturas diversas (algumas presentes no cotidiano das crianças outras não, como o uso de tintas por exemplo), permitindo à esta criança o contato com um universo de cores, formas e sons.

A exploração desses materiais nos remete ao que Ostetto (2010) chama de acolher o ser poético da criança. Segundo a autora, deve-se propiciar espaços e situações que permitam a criança a uma experiência contínua, questionadora, experimental e criativa, para que percebam a arte em diferentes situações cotidianas, além de estimular a curiosidade e a coragem frente a desafios propostos, é despertar o artista que ali existe. Não há regras fixas no modo de produção da arte, pesquisar, mergulhar no desconhecido para testar novos materiais e formas, experimentar diferentes elementos ainda não apropriados, integram o fazer artístico.

Como já foi abordado anteriormente, o processo de desenvolvimento das crianças se dá principalmente por meio da experimentação e o estímulo dos sentidos, de modo geral as crianças gostam dos materiais, das cores, da liberdade de tocar.

A manipulação livre de instrumentos e materiais é o primeiro passo da criança na familiarização com os recursos disponíveis para sua expressão. Contudo, devemos saber que, mesmo na mais tenra idade o fazer artístico não é apenas a ação inicial. As crianças são capazes de mexer com substâncias e experimentar instrumentos nas mais variadas superfícies, lambuzando, riscando ou imprimindo suas marcas. Com a orientação de um adulto, a criança pode conduzir a ação para um espaço mais apropriado, como uma folha de papel. (GOMES, 2001, p.109)

Percebe-se, então, que a experimentação artística em vários níveis e mídias, além de ser interessante para as crianças, ainda auxiliam no desenvolvimento de sua percepção, incentivam a memória e a comunicação, quando as crianças reconhecem trabalhos que fizeram e pensam em como fizeram e tentam relatar a outros a experiência e o significado do que produziram. Afinal, “Quando nosso ponto de partida é a arte, podemos tocar todos os pontos mais



importantes do desenvolvimento: o corpo, as relações sociais, a linguagem, o reconhecimento, a natureza e a cultura” (HOLM, 2015, p. 97).

Este interesse natural pela linguagem artística propicia um desenvolvimento amplo pois gera muitas possibilidades de atividades com objetivos diversos, sendo eles sociais, cognitivos, motores etc. E portanto, diante de tantos benefícios ao desenvolvimento das crianças, o papel dos adultos, em especial dos educadores, passa a ser o de orientar e proporcionar atividades de experimentação artística à elas.

PERCURSO METODOLÓGICO

Os dados apresentados neste artigo originam-se da implementação de um projeto de estágio e pesquisa, caracterizada como qualitativa e de cunho descritivo e bibliográfico, pois baseia-se em uma intervenção pedagógica na educação infantil, onde pôde-se observar e descrever comportamentos e situações referentes a rotina, convívio e experimentação artística em uma unidade de Educação infantil – UEI, além de analisar os fenômenos observados por meio de fontes secundárias como artigos e livros sobre artes e educação infantil.

O projeto mencionado se intitula: “As artes como possibilidades da imaginação e sentidos na infância”, e foi elaborado com base em observações de um estágio na educação infantil, componente curricular obrigatório do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA. Cumprimos este estágio na unidade de Educação Infantil da Cremação- UEI Cremação, que possui 8 turmas que vão desde o berçário I até o Jardim. A UEI funciona em dois períodos, manhã e tarde para a pré escola, e período integral para a creche, a alimentação é fornecida aos alunos e os banheiros possuem chuveiros para que as crianças possam passar o dia na unidade seguindo uma rotina de alimentação e higiene adequada.

Os estagiários foram alocados em duplas e/ou trios nas turmas, a dupla do projeto tratado neste artigo ficou na turma do maternal IA, composta por crianças de em média 2 anos, pela lista de matrículas havia uma média de 20 crianças na turma. Convivendo com essas crianças pudemos perceber que elas eram de modo geral alegres, agitadas e comunicativas, com poucas exceções, possuíam certa autonomia no desenvolvimento da rotina proposta pela unidade.

Para seu desenvolvimento elaboramos sete atividades para a turma do Maternal 1, com crianças na faixa etária de 2 anos de idade, tendo como carga horária total 40 horas (distribuídas em planejamento, organização, rotina e ação). Deste modo, o percurso metodológico aconteceu



em três momentos: a) observação da rotina da turma; b) elaboração do projeto de intervenção; e c) aplicação.

As atividades realizadas, bem como seus objetivos e recursos, podem ser conferidas no Quadro 1:

Quadro 1 – Atividades desenvolvidas no projeto.

Atividade	Descrição	Objetivo	Materiais
Pintando folhas	Tendo como base o contato com elementos da natureza, as crianças manuseiam folhas de árvores e respondem questionamentos sobre as características do elemento apresentado. Em seguida, as folhas são posicionadas embaixo de papéis e é feita pintura com giz de cera sobre o papel.	Mostrar novas formas de desenho e pintura e chamar a sua atenção para os elementos da natureza.	- Folhas de árvore - Giz de cera - Papel A4
Mosaico	Colagem livre e coletiva sobre papel, a partir de materiais de diversas formas, texturas e cores.	Diferenciar a perspectiva dos alunos sobre os materiais para o fazer artístico.	- Papéis recortados e amassados em formatos diversos - Grãos - Cola
Um colorir diferente	Forrageo de uma caixa de papelão com um papel de cor escura, confecção de uma bola com pedaços de papel e coberta com plástico bolha. A finalidade é que as crianças mergulhem a bola feita com o plástico na tinta e a fiquem movimentando na caixa de papel coletivamente, carimbando assim toda a caixa.	Disponibilizar maneiras divertidas e sob diferentes formas e espaços para desenhar e fazer pinturas.	- Caixa de Papelão - Folhas de Papel - Plástico bolha - Tinta.
Construir um boneco	Construção coletiva (crianças e educadores) de um boneco reciclável, confeccionado com rolos de papel higiênico. Ao juntar as partes até formar um boneco, colar e pintar.	Demonstrar a capacidade de produção das crianças e os usos que podem ser dados a materiais considerados descartáveis.	- Rolo de papel higiênico - Tinta - Pincéis - Cola - Tesoura
Pintando em telas	Atividade realizada com caixas de pizza ou outro papelão, organizadas em formato de tela de pintura e colocadas à disposição das crianças para pintarem com os dedos, como se estivessem em um ateliê de artes.	Possibilitar a criação e expressão artística da criança, por meio da experimentação.	- Papelão - Papel - Tinta
Pintando e dançando	Colagem de papéis 40 quilos pelo chão e pintura com os pés das crianças. Atividade acompanhada de música para estimular a dança das crianças.	Apresentar espaços, movimentos e formas de pintura, utilizando métodos não convencionais, como o uso dos pés, por exemplo.	- Papel 40 quilos - Tinta - Fita adesiva - Caixinha de música.
Tapete sensorial	Tapete previamente construído e dividido em 4 partes, com texturas diversificadas. Uma base áspera (lixa ou algum tapete de espessura áspera), uma base pontiaguda (embalagem de ovo ou tapete com pontinhas), uma base macia (manta), uma base gosmenta e gelada (papel alumínio e gel). As crianças devem caminhar sobre esse tapete.	Apresentar às crianças texturas diferentes, por meio do tapete sensorial, que será acessado com a planta dos pés.	- Papelão - Tesoura - Cola - Lixa - Embalagens de Ovo - Manta - Papel Alumínio - Gel

Fonte: Os autores.

Seguindo um cronograma elaborado em conjunto com a unidade escolar, todas as atividades descritas no Quadro 1 foram desenvolvidas e implementadas tanto no interior quanto no exterior da escola, com o objetivo de estimular a imaginação e os sentidos das crianças; desenvolver a percepção da importância do trabalho coletivo; despertar o interesse pelo outro



estimulando as interações sociais e a curiosidade pelo meio ao qual estão inseridas e deste modo, ampliar a perspectiva de modos de representação dos objetos e seres para além da oralidade a partir da linguagem artística e o trabalho com texturas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos resultados obtidos nas ações descritas, pode-se destacar três elementos principais: a) a organização do espaço-tempo; b) a imersão das crianças nas atividades, o que possibilitou as diversas experimentações por parte delas; e, por fim, c) a socialização das crianças; pois a cada atividade efetivada elas cooperavam com mais intensidade umas com as outras.

O planejamento das atividades na educação infantil, sobretudo com crianças muito pequenas, deve considerar o espaço no qual será efetivado, se há obstáculos possivelmente perigosos como vigas, colunas, móveis como cadeiras e mesas, que atrapalhem a locomoção mais livre, se deve privilegiar atividades em roda (crianças sentadas no chão, ou em volta de uma mesa). Por outro lado, se pudermos ter acesso a espaços amplos e abertos, podemos trabalhar com a observação do local, da natureza, com a movimentação, etc.

O tempo também se constitui em um fator importante para o planejamento, deve-se atentar para o seguimento da rotina de higiene e alimentação das crianças, que já estão programados, a resistência das crianças, se estão cansadas ou prontas para interagir e se movimentar, etc.

Todos os momentos, sejam eles desenvolvidos nos espaços abertos ou fechados, deverão permitir experiências múltiplas, que estimulem a criatividade, a experimentação, a imaginação, que desenvolvam as distintas linguagens expressivas e possibilitem a interação com outras pessoas. (BARBOSA; HORN, 2001, p. 68)

Deste modo, consideramos que as atividades coletivas que exijam um certo grau de colaboração tornam-se bastante positivas para o desenvolvimento de diversas habilidades, áreas sensoriais e emocionais das crianças uma vez que as estimula a levar os espaços e os outros em consideração, ampliando as suas perspectivas.

As atividades intituladas Riscando Folhas e Mosaico foram propostas com o objetivo de apresentar diferentes materiais que fazem parte do cotidiano e atribuir a eles uma nova perspectiva: explorar as suas texturas, formatos, cores, sons e cheiros. As outras atividades, já predominaram o uso de tintas, onde se pensou em maneiras de possibilitar as crianças a exploração da imaginação e sentidos por meio do uso da pintura em diferentes bases e partes



do corpo, além da utilização de materiais recicláveis e a música (Um colorir diferente, Pintura em tela e Pintando e Dançando). E, por fim, houve a construção de um boneco com rolos de papel higiênico e um tapete sensorial, ambos com materiais recicláveis e comuns no cotidiano como grãos de arroz e feijão, algodão e outros.

Ao elaborar o projeto, pensou-se nas possibilidades que a exploração e interação das crianças com os elementos artísticos poderiam contribuir para o desenvolvimento delas. Sobre a imersão e interação das crianças nas atividades, o envolvimento de cada uma foi surpreendente. Durante as ações pôde-se perceber: a curiosidade, a manipulação dos materiais, o questionamento, as diversas sensações e expressões durante o contato com as texturas e sobretudo, a cooperação e a demonstração de cuidado com o outro sendo fortalecidas.

Notou-se, ainda, a falta de material para realizar esse tipo de atividade, durante o tempo de estágio, os únicos materiais que viu-se sendo utilizados pelas crianças foram: tinta e papel. De fato, os trabalhos verificados que mais se aproximam da linguagem de artes foram produções dirigidas das crianças, como pintar em desenhos impressos trazidos pelas professoras, ou produzir desenhos livres utilizando tinta, aparentemente objetivando o aprendizado das cores primárias.

Um lado positivo, entretanto, foi sobre as produções das crianças serem colocadas na altura de suas mãos e campo de visão, o que possibilita o toque; e assim elas fazem, demonstrando interesse e reconhecimento de suas confecções, fato que estimulou a produção de atividades com outros materiais como tinta ou grãos, por exemplo.

Considera-se os resultados das atividades, no geral, como satisfatórios, pois atingiram o objetivo proposto. Cada criança imprimiu a sua marca, e a cada atividade diferente um detalhe foi percebido, uma motivação a mais foi sendo construída, pois, como diz Holm (2015, p. 19), “A arte é uma ferramenta maravilhosa para se explorar o mundo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os apontamentos aqui destacados, ressalta-se a importância da arte na prática educativa. A imersão nessa linguagem pode proporcionar aos pequenos diversas significações, vivências e leituras do mundo em que vivem. Alimentar o imaginário, incentivar a criatividade e a curiosidade e possibilitar experimentações que vão para além dos desenhos geométricos e as folhas de colorir com desenhos delimitados é essencial.



Considera-se, também, de suma importância que projetos nessa linha continuem sendo realizados, devido a percebida necessidade da valorização da Arte nas escolas, na Educação, na Sociedade e para a vida, de uma forma geral. Pois, compreende-se que a arte não está isolada do nosso cotidiano e de nossa história pessoal.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M.C.S.; HORN, M. da G.S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. (Org.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p.67-79.
- BARBOSA, A. M. Arte-Educação no Brasil: Realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 3, n. 7, p. 170 - 182, dez. 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10.pdf> . Acesso em: 29 mar. 2020.
- BRASIL. Casa Civil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro, 1996: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 31 mar. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Fundamentos pedagógicos e estrutura geral da BNCC**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>. Acesso em: 31 mar. 2020.
- DIAS, K. S. Formação Estética: em busca do olhar sensível. In: KRAMER, S. et al (Org.); **Infância e educação infantil**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007, p. 175 - 202.
- FONZAR, J. Piaget: do egocentrismo (História de um conceito). **Educar em Revista**. Curitiba, n. 5, p. 81 – 103, Jan./Dec. 1986. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36149> Acesso em: 31 mar. 2020.
- GOMES, P. Os materiais artísticos na educação infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. (Org.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p.109-121.
- HOLM, A. M. **Eco-Arte com crianças**. São Paulo: Carambola, 2015.
- KOLB-BERNARDES, R.; OSTETTO, L. E. Arte na educação infantil: pesquisa, experimentação e ampliação de repertórios. **Revista Trama Interdisciplinar**, v. 7, n. 2, 31 ago. 2016. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/9762/6039> Acesso em: 31 mar. 2020.
- MELLO, S. A. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n.1, p. 83 - 104, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/1630/1371> Acesso em: 01 abr. 2020.
- MÈREDIEU, F. de. **O Desenho Infantil**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- OSTETTO, L. E. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. In: **Caderno de Formação de Professores Educação Infantil: Princípios e Fundamentos**. Volume 3. São Paulo: Cultura Acadêmica - UNESP, 2010, p. 27 – 39.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.